

AMANHÃ DE MANHÃ, A EUROPA

EDITORIAL | JOÃO TEIXEIRA LOPES

1. O NOVO NÚMERO DA *VÍRUS*, COM A ASSUMIDA designação de «crise económica e os debates nas esquerdas europeias», é uma tradução, entre muitas outras possíveis, deste estado de inquietude que atravessa todos aqueles e aquelas que se encontram envolvidos nos debates e combates (não são estas, aliás, duas palavras sinónimas?) sobre a reconstrução radical (na acepção que Badiou lhe confere: busca da constituição primeira das coisas) da Europa e do mundo, processo que, em boa parte, encontra novos recursos teóricos e empíricos a partir das reacções da década de 90 do século passado face à violenta hegemonia do neo-liberalismo. A uma anterior e momentânea paralisia na prática emancipadora, eis que, de novo, brotam as questões sem que, por dentro, se saibam de antemão e preguiçosamente as respostas. Ao contrário das velhas reacções mecanicistas, procuram-se, na intrincada complexidade dos

fenómenos, novas relações de inteligibilidade e possibilidades de acção.

2. Primeira questão: para onde nos conduz a matriz gerencialista e utilitarista das políticas educativas hegemónicas? Cecília Honório aponta rotas: a da privatização parcial dos currícula, a cavalo das «actividades de enriquecimento» da «escola a tempo inteiro» e da alienação do próprio parque escolar; o reforço autoritário do novo pedagogismo sem pedagogia; a penúria do investimento público; a uniformização gestionária e empobrecedora das práticas pedagógicas e, em particular para o ensino superior, o mito do auto-financiamento e da competição entre instituições, condição de base para a reprodução, sob novas formas, das elites dirigentes.

3. Que espaços públicos são hoje concebidos pelos produtores da cidade? A recusa do estrangeiro e da própria metáfora da estranheza leva-nos, segundo

João Teixeira Lopes, a uma redundante busca da familiaridade e da mesmice, recusando o enriquecimento do pensamento selvagem, aquele que se alimenta da experiência da diferença nos espaços vividos, diferença, antes de mais, linguística e comunicacional, inscrição do poder, para além da mera resistência, na ordem do discurso e nas regras da enunciação (o que pode ou não dizer-se; a esfera do pensável e campo de interditos).

4. Como passar de uma defesa militar para uma defesa civil? Ou, por outras palavras, como superar a aura dos heróis da pátria pelo envolvimento da sociedade na preparação de mecanismos solidários de protecção face à imprevisibilidade dos riscos. Mudança de paradigma, propõe-nos Mário Tomé, desde logo pelo nome: defesa civil, enquanto incorporação societal de sofisticados utensílios técnicos e éticos que preparem, através de políticas públicas, cidadãos

e cidadãs para lidarem com as probabilidades. Defesa que não pressupõe outra guerra que não seja à velha lei das catástrofes: são sempre os pobres as principais vítimas.

5. O que pretende o investimento estrangeiro, eis o mote-questão de Vítor Lima, a partir do estudo de caso da Qimonda, exemplo que ilustra a cortina de mistificações sobre o capital estrangeiro em Portugal, caminhando a par do menosprezo do papel do mercado interno e da produção da precariedade ou, em suma, a «grande ilusão» que nos pretendem vender sobre o papel do Estado. Na verdade, o investimento estrangeiro, tal como se verificou com a Qimonda, procura apoios públicos, abundância e facilidade de acesso a matérias-primas, dumping social, salarial e ambiental e, claro está, qualificação do trabalho. No entanto, guarda para si a chave do «segredo»: o controlo financeiro, a investigação e a logística permanecem concentradas na empresa-mãe, o que tem pelo menos a vantagem de tornar visível, hoje mais do que nunca, o carácter colectivo e social da produção global.

6. Que papel para os partidos alternativos? Alain Badiou persiste na coerência de um pessimismo na acção. Enquadrando as novas direitas europeias, *maxime* a francesa, de matriz sarkosiana, num amplo movimento de restauração contra tentativas republicanas e populares, desde a Comuna de Paris ao Maio de 68, critica a democracia «ocidental» existente por externalizar a violência (de modo a diminuir as tensões internas) e por tentar salvar bancos com dinheiros públicos. Ciente da cumplicidade objectiva entre os velhos partidos social-democratas e as novas di-

reitas, descrê, no entanto, da forma-partido radical, nomeadamente porque não responde, na sua opinião, à aporia entre leninismo dirigista e movimento difuso e desorganizado («o fétichismo do movimento»), resvalando para o eleitoralismo e as cedências ao instituído. Advoga, por isso, a renúncia ao jogo eleitoral e ao exercício do direito de voto. Ora, contra o cepticismo de Badiou, Daniel Bensaïd, pensador alinhado com o Novo Partido Anticapitalista francês, defende que a nova forma-partido, em ruptura com o estalinismo e a disciplina partidária de cariz militar, será capaz, pela disciplina que irrompe da unidade na acção, de contribuir com um projecto político para as redes e movimentos insurgentes. Por sua vez, Yiannis Bourinos, dirigente do Synaspismos, constata, a partir da experiência grega, a intensificação da violência capitalista, concomitante da incapacidade sistémica em propor novos pactos sociais. Daí interceder pela «transformação dos transformadores», de modo a que sejam capazes de participar na turbulência social com um projecto anticapitalista que forneça coerência às lutas.

7. Que futuro para o conceito de classe? Eis que o historiador E.P. Thompson nos propõe uma revisão entre as rotineiras relações, herdeiras do dualismo base/superestrutura, que proclamam o isomorfismo entre classe, luta e consciência de classe. Ao assumir a classe como «categoria histórica», Thompson pretende romper com reificações e a priori positivistas, procurando, de forma heurística, estudar os processos empíricos concretos que podem levar à estruturação das classes. Em vez da visão estática defende, pois, a visão processual. Desta forma, é num «campo de

forças» (conceito aparentemente herdeiro da noção de «campo» de Pierre Bourdieu) e em relação/luta mútua que determinadas pessoas eventualmente se descobrirão como classe, sendo que a sua consciência é o que é, nem falsa nem intrinsecamente verdadeira: uma certa visão de si mesma, das demais e do próprio jogo social e histórico.

8. Que escutas e leituras? Talvez os Flying Lizards, esses «revisionistas dementes do roque», responde Sandy Gageiro. Ou então o fazer poético de Tiago Gomes, seguidor confesso de Cesariny, interpõe Marta Lança. Ou ainda um olhar sobre o comunismo nacionalizado, proposto por Miguel Cardina a propósito da obra de José Neves *Comunismo e Nacionalismo em Portugal*. Ou, finalmente, uma escuta-leitura das vozes que ainda nos falam da guerra civil espanhola, a partir das *Vozes do Rio Pamano* de Jaume Cabré.

9. Em todo o caso, não se esqueçam. A Europa é já amanhã de manhã. É o que vem na *Vírus*...